



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DESIGN**

**QUANDO A ARTE SE PARECE COM A GENTE
UM ENSAIO SOBRE O AFETO A PARTIR DE OBRAS CLÁSSICAS**

RUTH MARIA SANTOS DE OLIVEIRA

RIO TINTO - PB

2025

RUTH MARIA SANTOS DE OLIVEIRA

**QUANDO A ARTE SE PARECE COM A GENTE
UM ENSAIO SOBRE O AFETO A PARTIR DE OBRAS CLÁSSICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Coordenação do Curso de Design da
Universidade Federal da Paraíba como parte
dos requisitos necessários para a obtenção do
grau de Bacharel em Design.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Lopes Pereira

RIO TINTO - PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48q Oliveira, Ruth Maria Santos de.

Quando a arte se parece com a gente : Um ensaio
sobre o afeto a partir de obras clássicas / Ruth Maria
Santos de Oliveira. - Rio Tinto, 2025.

70 f. : il.

Orientação: Leandro Lopes Pereira.

TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

1. Releitura artística. 2. Fotografia. 3. Afeto. 4.
Identidade. I. Pereira, Leandro Lopes. II. Título.

UFPB/CCAÉ

CDU 77.04

RUTH MARIA SANTOS DE OLIVEIRA

**QUANDO A ARTE SE PARECE COM A GENTE: UM ENSAIO SOBRE O AFETO A PARTIR DE
OBRAS CLÁSSICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade **PROJETO**, submetido ao Curso de Bacharelado em Design da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Design.

Aprovado em: 24/09/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **LEANDRO LOPES PEREIRA**
Data: 26/09/2025 17:47:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leandro Lopes Pereira (Examinador Interno)
(Orientador(a), Presidente da Banca)
Universidade Federal da Paraíba

Documento assinado digitalmente
 **MYRLA LOPES TORRES**
Data: 29/09/2025 16:35:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Myrla Lopes Torres (Examinadora Interna)
Universidade Federal da Paraíba

Documento assinado digitalmente
 **KLEBER DA SILVA BARROS**
Data: 29/09/2025 08:07:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Kléber da Silva Barros (Examinador Interno)
Universidade Federal da Paraíba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda a minha família, em especial à minha mãe, Ivete, que me ensina o que é o afeto no cotidiano há 29 anos.

EPÍGRAFE

“A arte deve ser como aquele espelho
que nos revela nosso próprio rosto.”

(Jorge Luis Borges)

AGRADECIMENTOS

A jornada até a conclusão deste trabalho, que se propõe a investigar o afeto, só foi possível porque estive, em cada etapa, transbordando dele. Chegar até aqui não foi um caminho solitário, mas um percurso construído a muitas mãos, olhares e corações. A cada pessoa que transformou o peso em leveza e a dúvida em incentivo, minha mais profunda e eterna gratidão.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Leandro Lopes Pereira, por acreditar no potencial desta produção fotográfica desde o início. Aos membros da banca, meu muito obrigada por aceitarem o convite e por dedicarem seu tempo e conhecimento à leitura deste trabalho.

À minha família incrível, por todo o suporte. Em especial, à minha mãe, a quem dedico este trabalho. Obrigada por ser a personificação diária do cuidado e a minha primeira e mais importante lição sobre a força do afeto que reside no cotidiano.

Ao meu namorado, Deninho, por ser o meu porto seguro. Sua paciência (ou a falta dela), especialmente nos dias de cansaço, seu incentivo incondicional, seu jeito engraçadinho e seu amor tranquilo fizeram com que, nos dias mais difíceis, mesmo não sabendo disso, recarregou minhas energias, me dando forças pra seguir em frente sem que a bagagem fosse pesada demais.

Ao meu amigo Gleydson, que foi meu braço direito durante toda a minha graduação, sendo não somente um colega de turma, mas um amigo que é meio que uma alma gêmea. É com quem consigo ser eu mesma, na minha mais pura essência. Sem todo o seu apoio a finalização dessa graduação não seria possível.

À minha psicóloga, Kilvia, por me acompanhar há quatro anos, ajudando-me a construir uma maturidade emocional, profissional e acadêmica que eu jamais achei que poderia alcançar. Sua escuta e orientação foram a chave para chegar até aqui.

Ao meu amigo Dan, a pessoa a quem confidencio e compartilho risadas, fofocas, boas músicas, tristezas e reflexões acerca da vida. Obrigada por ser, por todos esses anos, o melhor amigo que alguém poderia ter.

A materialização deste ensaio não existiria sem a entrega e a confiança de pessoas incríveis. À Sthephany, meu braço direito (e esquerdo) em todas as horas. Obrigada por todo suporte emocional com o seu jeitinho agressivo. Sua dedicação, seu olhar sensível e sua parceria me confirmando o tempo todo que tudo ia dar certo foram o motor deste trabalho. Este TCC tem tanto de você quanto de mim.

Um agradecimento que transborda o profissional e se torna pessoal ao casal Valter e Janaína Frazão, pais de Sthephany. Vocês não foram apenas os rostos de "O beijo cotidiano", mas pais que a vida me deu. O carinho, o acolhimento e o afeto de vocês me adotaram, e essa é uma das memórias mais preciosas que levo desta jornada. É um presente que levarei para a vida.

Finalmente, agradeço àqueles que transformaram o conceito deste trabalho em realidade, provando que o afeto é, de fato, a matéria-prima de tudo. Aos modelos, Ivete Oliveira, Valter Frazão, Janaína Oliveira, Lisandra Lima e Myrela Andrade, por emprestarem seus rostos, histórias e, acima de tudo, sua confiança a este projeto. À equipe de produção, Dan e Márzio Glauco, pelo trabalho e suporte essenciais nos bastidores. Sem a entrega de vocês, estas imagens não teriam alma.

RESUMO

Este trabalho explora a potência do afeto como ponte entre a arte clássica e o cotidiano, através de um ensaio fotográfico de releituras. Partindo da premissa de que obras canônicas da história da arte podem dialogar com a realidade contemporânea paraibana, o projeto teve como objetivo central traduzir visualmente afetos universais para um contexto regional. A metodologia adotada estruturou a pesquisa e a produção em cinco fases, que culminaram na criação de um ensaio dividido em quatro atos, cada um investigando uma faceta do afeto, o cuidado, a parceria, a identidade e a memória, a partir da reinterpretação fotográfica das obras *Pietà*, *O Beijo*, *Moça com o Brinco de Pérola* e *Prosérpina*. Como resultado, obteve-se uma série de imagens autorais que não buscam a reprodução, mas o diálogo, ressignificando gestos e símbolos clássicos através de corpos, cenários e luzes locais. Conclui-se que a releitura artística, centrada no afeto, mostra-se uma ferramenta eficaz para aproximar a arte do cotidiano, encurtar distâncias culturais e revelar que a beleza e o sagrado residem também nos gestos e identidades do nosso próprio tempo e lugar.

Palavras-Chave: Releitura Artística. Fotografia. Afeto. Identidade.

ABSTRACT

This work explores the power of affection as a bridge between classical art and everyday life, through a photographic essay of reinterpretations. Based on the premise that canonical works from art history can dialogue with the contemporary reality of Paraíba, the project's main objective was to visually translate universal affections into a regional context. The adopted methodology structured the research and production into four acts, each investigating a facet of affection – care, partnership, identity, and memory – based on the photographic reinterpretation of the artworks *Pietà*, *The Kiss*, *Girl with a Pearl Earring*, and *Proserpina*. As a result, a series of authorial images was created that seeks not reproduction, but dialogue, resignifying classical gestures and symbols through local bodies, sceneries, and lighting. It is concluded that artistic reinterpretation, centered on affection, proves to be an effective tool for bringing art closer to everyday life, shortening cultural distances, and revealing that beauty and the sacred also reside in the gestures and identities of our own time and place.

Keywords: Artistic Reinterpretation. Photography. Affection. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Infográfico da Metodologia de Projeto	14
Figura 2 – Duas Fridas, 1939	16
Figura 3 – Despedida - Mc Tha (2020)	17
Figura 4 – Pietà (1499), por Michelangelo Buonarroti	25
Figura 5 – Pietà Nordestina (2025)	25
Figura 6 – Mapa conceitual da releitura "Pietà Nordestina"	26
Figura 7 – "Memorial Ao Retirante" (2008), de Abelardo da Hora	27
Figura 8 – O Beijo (c. 1882), por Auguste Rodin	32
Figura 9 – O beijo cotidiano (2025)	32
Figura 10 – Mapa conceitual da releitura "O beijo cotidiano"	33
Figura 11 – Detalhe do brinco de artesanato paraibano	38
Figura 12 – Moça com brinco de pérola (c. 1665), por Johannes Vermeer	39
Figura 13 – A moça que se fez Arte (2025)	39
Figura 14 – Mapa conceitual da releitura "A moça que se fez arte"	40
Figura 15 – Detalhe da quartinha de barro, símbolo da origem	45
Figura 16 – Detalhe da manga, símbolo da memória afetiva	45
Figura 17 – Prosérpina (1874), por Dante Gabriel Rossetti	46
Figura 18 – Prosérpina Paraibana (2025)	46
Figura 19 – Mapa conceitual da releitura "Prosérpina Paraibana"	47
Figura 20 – Moodboard de Referências (Pietà Nordestina)	55
Figura 21 – Moodboard de Referências (O Beijo Cotidiano)	55
Figura 22 – Moodboard de Referências (A Moça que se fez Arte)	56
Figura 23 – Moodboard de Referências (Prosérpina Paraibana)	56
Figura 24 – Pannel de Bastidores da Produção - Ato I	57
Figura 25 – Pannel de Bastidores da Produção - Ato II	58
Figura 26 – Pannel de Bastidores da Produção - Ato III	59
Figura 27 – Pannel de Bastidores da Produção - Ato IV	60
Figura 28 – Termos de Consentimento de Imagem	61
Figura 29 – Placa informativa da obra "Memorial Ao Retirante"	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OBJETIVOS.....	13
2.1 Objetivo Geral.....	13
2.2 Objetivos Específicos.....	13
3 METODOLOGIA.....	14
3.1 Imersão e fundamentação conceitual.....	14
3.2 Estruturação do projeto e curadoria.....	15
3.3 Planejamento e pré-produção.....	16
3.4 Execução e produção fotográfica.....	17
3.5 Pós-produção e análise dos resultados.....	17
3.6 Produção e análise.....	18
3.7 Aspectos éticos e consentimento de imagem.....	18
3.8 Recursos e orçamento.....	19
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
4.1 Releituras Artísticas.....	20
4.2 O afeto como fio condutor.....	23
4.3 O fio condutor regional: O Humanismo de Abelardo da Hora.....	24
4.4 O cenário: a Paraíba como palco para a releitura.....	24
4.5 Fotografia.....	25
5 PROJETO "QUANDO A ARTE SE PARECE COM A GENTE": AS RELEITURAS.	26
5.1 Pietà Nordestina: O afeto fundamental.....	27
A obra original.....	27
Justificativa da Escolha.....	28
A releitura fotográfica.....	29
Planejamento visual e conceitual.....	30
Critérios de seleção da obra.....	31
Análise simbólica.....	33
Ficha Técnica - Ato I.....	34
5.2 O beijo cotidiano: o afeto que nos transforma.....	35
A obra original.....	35
Justificativa da Escolha.....	35
A releitura fotográfica.....	36
Planejamento visual e conceitual.....	37
Critérios de seleção da obra.....	39
Análise simbólica.....	39
Ficha Técnica - Ato II.....	40

5.3 A Moça que se fez Arte: O espelho que nos afirma.....	41
A obra original.....	41
Justificativa da escolha.....	42
A releitura fotográfica.....	43
Planejamento visual e conceitual.....	44
Critérios de seleção da obra.....	46
Análise Simbólica.....	47
Ficha Técnica - Ato III.....	47
5.4 Prosérpina Paraibana: As raízes que nos compõem.....	48
A obra original.....	48
Justificativa da Escolha.....	49
A releitura fotográfica.....	50
Planejamento visual e conceitual.....	51
Critérios de seleção da obra.....	53
Análise Simbólica.....	53
Ficha Técnica - Ato IV.....	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	59
APÊNDICE A – DOCUMENTAÇÃO DO PROCESSO CRIATIVO.....	59
A.1 - Moodboard de Referências.....	59
A.2 - Fotografias de Bastidores.....	62
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..	66
APÊNDICE C - DOCUMENTAÇÃO DE FONTES EM CAMPO.....	69

1 INTRODUÇÃO

As grandes obras da história da arte, abrigadas em museus distantes, muitas vezes nos parecem intocáveis, narrando histórias que pouco dialogam com a nossa realidade imediata. Este trabalho nasce do desejo de encurtar essa distância, de trazer a arte clássica para casa, para o chão da Paraíba, despindo-a de sua solenidade para vesti-la com a luz e a pele do nosso cotidiano.

Este ensaio fotográfico usa a releitura como linguagem para contar uma história sobre um tema universal: o afeto. A partir deste fio condutor, o projeto se desenvolve como uma narrativa visual em quatro atos, onde cada fotografia explora uma faceta distinta na jornada dos afetos em nosso cotidiano: o cuidado, a parceria, a identidade e a memória.

É fundamental sublinhar que este trabalho se distancia deliberadamente da noção de reprodução. As fotografias aqui apresentadas não buscam a cópia fiel das obras clássicas, mas sim a sua releitura: um processo de tradução conceitual. O projeto analisa de que forma os afetos universais, imortalizados no mármore e na tela, ganham novos significados ao serem transpostos para a realidade paraibana contemporânea. Desta forma, o ensaio propõe um diálogo que busca aproximar o cânone artístico da vivência local.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Este projeto visa explorar e reinterpretar obras de arte emblemáticas através da fotografia, investigando o tema universal do afeto e traduzindo-o visualmente para o contexto do cotidiano paraibano.

2.2 Objetivos Específicos

- Construir uma narrativa visual coesa em quatro atos, explorando as dimensões do afeto, o cuidado, a parceria, a identidade e a memória.
- Utilizar a fotografia autoral e suas técnicas (composição, luz natural, direção) como linguagem principal para traduzir conceitos e sentimentos em imagens potentes.
- Aproximar ícones da história da arte do cotidiano, substituindo a representação idealizada por retratos de pessoas reais em um diálogo que conecta o clássico ao contemporâneo.
- Promover uma mediação cultural, levando o conhecimento sobre as obras de arte aos participantes e ao público de forma sensível e acessível.

3 METODOLOGIA

A metodologia para o desenvolvimento deste projeto foi cuidadosamente desenhada para responder à sua natureza híbrida, que articula pesquisa teórica e produção fotográfica autoral. Para garantir o rigor e a coesão do projeto, o processo foi organizado em cinco fases sequenciais e interdependentes. Esta estrutura permitiu que a investigação conceitual embasasse consistentemente as decisões criativas, e que a prática, por sua vez, oferecesse material para a análise acadêmica final.

3.1 Imersão e fundamentação conceitual

Esta etapa inicial, de caráter imersivo, foi dedicada à construção de um sólido referencial teórico e conceitual. O objetivo primordial foi transcender uma abordagem superficial do tema, garantindo que a produção visual estivesse ancorada em um profundo entendimento do seu objeto de estudo.

- **Revisão bibliográfica sobre o afeto:** Realizou-se uma extensa revisão de literatura para explorar o conceito de "Afeto" em sua complexidade. A pesquisa abrangeu fontes da filosofia, para entender sua dimensão existencial, da psicologia, para analisar suas manifestações no comportamento humano, e da história da arte, para contextualizar suas representações. Este estudo interdisciplinar resultou em um repertório conceitual robusto, que serviu como ferramenta analítica para todas as fases subsequentes.
- **Pesquisa de referências visuais:** Em paralelo, foi conduzida uma pesquisa iconográfica focada em obras de arte clássicas. A análise não se limitou à temática, mas investigou o código visual empregado pelos mestres para representar o afeto: as estratégias de composição, o uso do claro-escuro para criar drama e intimidade, a linguagem corporal das figuras e a simbologia dos

objetos. O intuito foi decodificar essa gramática visual para, posteriormente, traduzi-la em linguagem fotográfica.

- **Delimitação do tema central:** Com base na pesquisa, o "Afeto" foi consolidado como o eixo unificador do projeto. Essa delimitação foi crucial para dar foco e direção ao trabalho, assegurando que todas as escolhas, da curadoria das obras à direção de arte, estivessem tematicamente integradas e contribuíssem para a investigação da questão central deste trabalho.

3.2 Estruturação do projeto e curadoria

Foi nesta fase que toda a pesquisa teórica se transformou em um plano de ação concreto. O objetivo principal foi organizar as ideias e definir os passos práticos que iriam guiar a produção do ensaio fotográfico de forma coerente e intencional.

- **Seleção e justificativa das obras:** A curadoria das quatro obras de referência foi um processo criterioso. Os critérios de seleção incluíram não apenas a relevância temática, mas também o potencial narrativo, a complexidade composicional e a ressonância cultural de cada peça. As obras escolhidas ("Pietà", "O Beijo", "Moça com Brinco de Pérola" e "Prosérpina") foram então designadas para funcionar como estudos de caso específicos sobre diferentes facetas do afeto.
- **Estruturação do ensaio em capítulos:** Para conferir uma dimensão ensaística ao trabalho, a produção fotográfica foi estruturada em quatro capítulos ou "atos" (O Cuidado, A Parceria, A Identidade, A Memória). Essa abordagem narrativa foi projetada para guiar o espectador através de uma jornada visual com início, meio e fim, transformando o que poderia ser uma simples série de imagens em um ensaio coeso e articulado.

3.3 Planejamento e pré-produção

Esta fase foi dedicada à preparação meticulosa da produção fotográfica. Todo o planejamento técnico, estético e logístico foi desenvolvido aqui, com o objetivo de otimizar os recursos, antecipar desafios e garantir que a visão criativa fosse executada com a maior fidelidade possível.

- **Direção de arte:** Para cada ensaio, foram desenvolvidos *moodboards* detalhados que serviram como guias visuais. Eles continham referências para todos os aspectos da produção: locações, figurinos, maquiagem, paleta de cores, adereços e, crucialmente, a atmosfera de iluminação. A direção de arte buscou equilibrar uma estética de inspiração clássica com elementos que remetessem ao contexto paraibano contemporâneo.
- **Planejamento de composição:** Foram elaborados croquis que funcionaram como estudos de composição para cada fotografia. Mais do que simples esboços, eles planejaram a interação entre as figuras e o ambiente, o enquadramento preciso de gestos e olhares e a distribuição de massas e vazios no quadro, traduzindo a composição das pinturas de referência para a linguagem fotográfica.
- **Seleção de locações e modelos:** A escolha de locações considerou seu potencial atmosférico e simbólico, buscando espaços que dialogassem com a narrativa de cada ato. O processo de seleção de modelos (*casting*) priorizou não apenas características físicas, mas também a presença cênica e a capacidade dos indivíduos de se conectarem com a carga emocional solicitada pelo projeto.

3.4 Execução e produção fotográfica

Nesta fase central, todo o planejamento das etapas anteriores convergiu para o ato da criação fotográfica. Foi o momento de materializar a visão em imagens, combinando controle técnico com sensibilidade artística.

- **Realização e direção das sessões:** As quatro sessões fotográficas foram conduzidas com base no roteiro visual estabelecido pelos croquis e *moodboards*. O processo nas locações envolveu o gerenciamento simultâneo da iluminação, do enquadramento e dos elementos de cena. A direção dos modelos foi focada em criar um ambiente propício para a captura de expressões e gestos que parecessem autênticos e emocionalmente ressonantes.
- **Gestão criativa no set:** O planejamento rigoroso serviu como uma base segura que permitiu a exploração criativa durante as sessões. O método incluiu uma abertura para a experimentação e para ajustes baseados na interação real com os modelos e o ambiente, incorporando momentos espontâneos que agregaram uma camada de verdade e profundidade às imagens planejadas.

3.5 Pós-produção e análise dos resultados

A etapa final do projeto foi dedicada ao refinamento do material visual e à consolidação intelectual do trabalho. Esta fase garantiu que as imagens atingissem seu potencial estético máximo e que fossem analisadas criticamente, fechando o ciclo da pesquisa.

- **Curadoria e edição das imagens:** Um processo de curadoria foi realizado para selecionar, dentre todo o material capturado, a imagem que melhor

representava a síntese conceitual e estética de cada um dos quatro atos. As fotografias selecionadas passaram por um tratamento de imagem detalhado, com ajustes de cor, contraste e textura, visando unificar a identidade visual do ensaio e realçar sua atmosfera poética e cinematográfica.

- **Análise e redação final:** Por fim, procedeu-se à redação da análise crítica das obras produzidas. Esta análise envolveu uma leitura detalhada dos elementos composicionais e simbólicos de cada fotografia, conectando-os com as obras de referência e com o referencial teórico. Este passo foi fundamental para articular as conclusões do projeto e validá-lo como uma pesquisa acadêmica que integra teoria e prática de forma bem-sucedida.

3.6 Produção e análise

A fase de produção corresponde à realização dos ensaios fotográficos, seguindo o planejamento. A análise consiste na avaliação crítica das imagens finais, verificando se comunicam a intenção do projeto e geram a resposta afetiva desejada. Toda a documentação do processo criativo encontra-se detalhada nos Apêndices. O Apêndice A reúne os artefatos visuais do planejamento e produção (painéis de referência e fotografias de bastidores), o Apêndice B apresenta os Termos de Consentimento assinados, e o Apêndice C documenta as fontes consultadas em campo.

Esta análise foi pautada na comparação constante entre a simbologia da obra original e os objetivos conceituais de cada releitura, avaliando o sucesso da tradução do afeto para o novo contexto.

3.7 Aspectos éticos e consentimento de imagem

Em conformidade com os princípios éticos da pesquisa, todos os modelos participantes deste ensaio fotográfico foram informados sobre os objetivos do trabalho e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O

documento, cujo modelo é apresentado no Apêndice B, autoriza o uso de suas imagens para os fins acadêmicos e de divulgação deste projeto, garantindo a ciência e a concordância dos envolvidos.

3.8 Recursos e orçamento

Para a viabilização prática do ensaio fotográfico, foi realizado um levantamento de custos dos recursos necessários, incluindo adereços para a composição das releituras e despesas com logística. O planejamento orçamentário, detalhado a seguir, foi um componente essencial da fase de prototipagem do projeto, garantindo sua execução dentro das limitações de um projeto acadêmico.

Tabela 1 – Orçamento de custos do projeto

Brinco	R\$ 25,00
Lenço	R\$ 23,00
Presilhas e acessórios	R\$ 20,00
Frutas	R\$ 15,00
Quartinha de barro	R\$ 35,00
Combustível	R\$ 100,00
Transporte das modelos	R\$ 50,00
CUSTO TOTAL	R\$ 268,00

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A interpretação e transformação de obras de arte, assim como a importância da intertextualidade e das relações entre imagem e texto, fornecem uma base sólida para a compreensão das dinâmicas das releituras artísticas, portanto, apoiar-se em algumas reflexões de importantes autores acerca do assunto serão fundamentais

para embasar a análise crítica das práticas de releitura e sua relação com a criação artística ao longo do tempo.

4.1 Releituras Artísticas

A prática da releitura, ponto central deste ensaio, é um fenômeno complexo que se afasta deliberadamente da noção de cópia ou reprodução. Enquanto a reprodução busca a fidelidade ao original, a releitura é um ato de transformação. Nesse sentido, é fundamental distingui-las: a reprodução visa duplicar, enquanto a releitura visa dialogar, criticar e recriar. Conforme a pesquisadora Ana Mae Barbosa (1998), uma das pioneiras da arte-educação no Brasil, a releitura é um ato de "redimensionamento" de uma obra, que só pode ser feito a partir de uma profunda compreensão de seus elementos e de seu contexto, para então atribuir-lhe um novo significado. Esta prática se fundamenta academicamente no conceito de intertextualidade. O termo, consolidado pela teórica Julia Kristeva, postula que nenhuma imagem é uma entidade isolada, mas sim um "mosaico de citações", que absorve e transforma outras obras que a precederam (KRISTEVA, 1980). A releitura pode ser considerada, portanto, um ato de diálogo intertextual, a qual um artista responde a uma obra preexistente, inscrevendo nela novas camadas de sentido. Essa conversação através do tempo pode ser considerada uma engrenagem da história da arte, como aponta Ernst Gombrich (1995), que a descreve como uma longa corrente de tradição e inovação.

A obra original, nesse sentido, funciona como uma "Obra aberta", nos termos de Umberto Eco (1968): um campo de possibilidades que se completa na interação com outros artistas. Ao aceitar esse convite, o artista que relê a obra também questiona o poder e a história contidos na imagem original, como sugere W. J. T. Mitchell (2005).

Figura 2: Duas Fridas, 1939

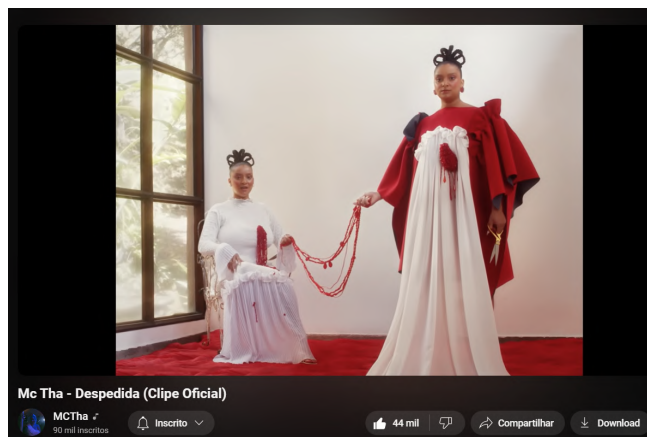


Fonte: Site Wiki Art.

Para que esses conceitos não permaneçam no campo abstrato, o diálogo entre a pintura "As Duas Fridas" (1939), de Frida Kahlo, e o videoclipe "Despedida" (2020), da cantora MC Tha, ilustra essa dinâmica de forma potente. Conforme detalha a biógrafa Hayden Herrera (1983), a obra de Kahlo é um autorretrato visceral que explora a fragmentação da identidade durante seu divórcio. A análise da historiadora da arte Andrea Kettenmann (2006) aponta para a dualidade entre a Frida europeia, rejeitada, e a Frida mexicana, autossuficiente, conectadas por uma artéria que universaliza a experiência da identidade partida.

A imagem apresentada a seguir é um *take* de um videoclipe intitulado "Despedida", da cantora Mc Tha, no qual faz uma alusão a obra Duas Fridas, de Frida Kahlo, trazendo para o videoclipe um novo sentido e assim, configurando-o como uma releitura artística contemporânea à obra de Frida.

Figura 3: Despedida - Mc Tha (2020)



Fonte: Canal MCTha - Youtube.

No videoclipe "Despedida", que encerra o ciclo conceitual de seu aclamado álbum "Rito de Passá", a artista utiliza a estrutura visual de Frida Kahlo para encenar sua própria jornada de transformação. A análise de Teco Apple (2020) aponta como os símbolos são ressignificados: a dualidade das Fridas é usada para representar o eu do passado e o eu do presente, que se confrontam e se despedem em um ritual. A artéria que une as figuras em Kahlo é substituída por um cordão de contas, um fio que, ao ser cortado, simboliza o fechamento de um ciclo e a busca por uma identidade mais curada. MC Tha, portanto, não apenas cita Frida, mas utiliza sua obra como uma plataforma para discutir o fechamento de ciclos sob uma nova ótica, culminando a jornada de seu álbum.

O diálogo entre a dor exposta de Kahlo e a ressignificação ritualística de MC Tha ilustra a essência da releitura: um ato de renovação que mantém a arte viva e relevante. Esse mesmo princípio, de que uma obra clássica é um convite à conversa, fundamenta a proposta prática deste ensaio, que busca utilizar o legado dos mestres não como um ponto final, mas como o início de um novo diálogo.

4.2 O afeto como fio condutor

Para que seja possível compreender a narrativa que costura as releituras fotográficas deste trabalho, é fundamental definir seu conceito-chave: o afeto. Distante do senso comum que o limita ao carinho, o afeto é aqui entendido em seu sentido filosófico, como a capacidade que as coisas e imagens têm de nos afetar, de nos mobilizar e de transformar nossa percepção do mundo. O filósofo Baruch Spinoza o descreveu como as afecções que aumentam ou diminuem a potência de agir do nosso corpo e de nossa mente (SPINOZA, 2017). O afeto, portanto, é a própria matéria-prima da experiência humana e, conseqüentemente, da arte.

No campo do Design, a preocupação com o impacto emocional de um projeto é central para a teoria do Design Emocional, consolidada por Don Norman. Segundo o autor, nossa relação com objetos e imagens se dá em três níveis: o visceral (a atração imediata), o comportamental (a experiência de uso) e o reflexivo (as memórias e significados que projetamos) (NORMAN, 2008). As fotografias deste TCC são concebidas como "produtos" de design que visam atuar precisamente neste campo afetivo, buscando não apenas a beleza visceral, mas uma conexão reflexiva e profunda com o espectador.

A partir desta base, o trabalho se desdobra em uma jornada visual estruturada em quatro atos. A jornada se inicia com o Ato I, "Pietà Nordestina: O afeto fundamental", que investiga o cuidado que nos forma, a partir da releitura da obra de Michelangelo. A narrativa avança para o Ato II, "O beijo cotidiano: o afeto que nos transforma", onde a releitura de "O Beijo" explora a parceria romântica. O Ato III, "A Moça que se fez Arte: O espelho que nos afirma", marca uma virada introspectiva para a celebração da identidade, em diálogo com a obra de Vermeer. Por fim, o Ato IV, "Prosérpina Paraibana: As raízes que nos compõem", conclui o percurso ao mergulhar na memória e na origem através da releitura de "Prosérpina".

Juntos, estes quatro atos formam um mosaico que busca, mais do que reinterpretar obras de arte, mapear as geografias do afeto no cotidiano paraibano.

4.3 O fio condutor regional: O Humanismo de Abelardo da Hora

Para que o diálogo entre a arte clássica e o cotidiano paraibano se aprofundasse, foi necessário encontrar um "tradutor", um elo que já tivesse se dedicado a encontrar o universal no regional. Esse elo é a obra do mestre pernambucano Abelardo da Hora (1924-2014), cuja presença se tornou, por um feliz acaso do destino, central neste projeto. Artista de forte engajamento social, Abelardo dedicou sua vida a retratar a força, a dor e a dignidade do povo nordestino.

Conforme analisa o crítico de arte Weydson Barros Leal (2014), a obra de Abelardo é marcada por um "humanismo vigoroso", onde a denúncia da miséria caminha junto com a celebração da resistência, especialmente da figura feminina, vista como "matriz da vida e da coragem".

A escolha do Memorial Abelardo da Hora como cenário principal para as releituras não foi, portanto, acidental, mas uma decisão conceitual que abraçou o inesperado. Suas esculturas, que habitam o espaço, não são um fundo, mas um coro que empresta seu legado de luta e afeto às novas imagens, validando a busca por um sagrado que reside na força do povo.

4.4 O cenário: a Paraíba como palco para a releitura

A escolha da Paraíba, e especificamente de sua capital, João Pessoa, como cenário para este projeto, transcende a função de um mero pano de fundo. A geografia aqui é tratada como um corpo vivo, um interlocutor que empresta suas texturas, sua luz e suas memórias para a construção de novas imagens. A cidade é o palco onde o tempo se manifesta, e a pesquisa visual se aprofundou em dois espaços simbólicos que se revelaram centrais para a narrativa do afeto.

O primeiro deles é o Hotel Globo, um lugar que paira sobre o Centro Histórico com uma atmosfera de nostalgia e contemplação. Posicionado de frente para o Rio Sanhauá, onde a cidade nasceu, ele não é apenas um marco arquitetônico, mas um espaço de memória, um camarote para o pôr do sol que banha a paisagem com uma luz quente e afetuosa. Seus salões e varandas guardam o silêncio e as histórias de um tempo passado, tornando-se o cenário ideal para os afetos mais íntimos e serenos.

O segundo palco é o Memorial Abelardo da Hora, no coração do Espaço Cultural. Este não é um espaço de silêncio, mas de diálogo. É um templo da arte nordestina, onde as esculturas de um dos maiores mestres pernambucanos contam a história da força e da dignidade do povo nordestino. É um território de identidade, um espaço público que celebra a arte como um ato de resistência e afirmação. A escolha deste local não foi apenas estética, foi uma decisão de inserir as releituras em uma conversa direta com a ancestralidade artística que ali habita.

Assim, a narrativa visual deste trabalho transita entre estes dois polos: a intimidade nostálgica do Hotel Globo e a força pública do Memorial Abelardo da Hora. São eles os palcos de texturas e luzes onde as releituras tomam forma, buscando um diálogo genuíno entre a arte universal e a alma destes lugares específicos.

4.5 Fotografia

Neste projeto, a fotografia transcende sua função de mero registro para se tornar a linguagem central na investigação do afeto. Escolhida por sua capacidade única de congelar o tempo e revelar o invisível, a fotografia é aqui a ferramenta que permite não apenas ver, mas sentir as relações humanas. Desde sua invenção no século XIX, ela mudou para sempre a forma como nos relacionamos com a imagem e com a memória, e é sobre essa herança que este trabalho se debruça.

Para a ensaísta Susan Sontag, em sua obra intitulada *Sobre Fotografia* (1977), o ato de fotografar não é um espelho passivo, mas um ato de interpretação.

O fotógrafo, ao escolher o enquadramento, a luz e o instante, transforma a realidade em uma declaração pessoal. Essa capacidade de interpretação é o coração deste ensaio, que utiliza o olhar da fotógrafa para traduzir não a aparência física das obras clássicas, mas o sentimento que elas evocam.

A fotografia é, também, uma poderosa ferramenta de memória. Conforme reflete o filósofo Roland Barthes, em *A Câmara Clara* (1980), uma fotografia não apenas mostra um momento que existiu, mas evoca toda a narrativa e a emoção associadas a ele, funcionando como uma janela para o passado. Neste trabalho, cada imagem busca ser essa janela, não para um passado distante da história da arte, mas para o passado imediato e afetuoso de um gesto de cuidado, de uma parceria ou de uma lembrança.

Finalmente, como observa o crítico John Berger, em *Modos de Ver* (1972), o modo como vemos uma imagem molda nossa compreensão da realidade. As fotografias aqui produzidas buscam exatamente isso: propor um novo modo de ver. Elas convidam o espectador a enxergar o sagrado no gesto cotidiano, a nobreza na figura comum e a beleza na identidade local, usando a força da imagem para construir uma nova percepção sobre onde a arte e o afeto podem ser encontrados.

5 PROJETO "QUANDO A ARTE SE PARECE COM A GENTE": AS RELEITURAS

Neste capítulo, o coração prático do projeto, apresentamos a série fotográfica "Quando a arte se parece com a gente". Cada um dos quatro atos a seguir parte de uma obra clássica não como um modelo a ser reproduzido, mas como uma provocação. A proposta central é despir a obra de sua aura canônica para reencontrar sua essência afetiva no contexto nordestino. A pergunta que guia cada ensaio não é "Como podemos copiar esta imagem?", mas sim "Onde esta emoção vive hoje, em nossa realidade?".

O planejamento inicial deste ensaio previa a utilização de locações externas, em pontos históricos de João Pessoa. No entanto, a imprevisibilidade do tempo se

revelou uma força criativa. A chuva, que impediu as sessões ao ar livre, guiou o projeto para espaços internos que se tornariam personagens da narrativa. O ensaio se dividiu, então, em dois territórios simbólicos: o Memorial Abelardo da Hora, situado no interior do Espaço Cultural, um espaço de arte pública e afirmação da identidade coletiva; e o Hotel Globo, um lugar de intimidade e contemplação. O que começou como um acaso se transformou no fio condutor que costurou a arte clássica à mais profunda expressão do afeto paraibano.

5.1 Pietà Nordestina: O afeto fundamental

Obra de Referência: Pietà, por Michelangelo Buonarroti (1498-1499)

A obra original

A Pietà é uma das mais reverenciadas e tecnicamente impressionantes esculturas do Alto Renascimento. Criada em mármore por Michelangelo, na época com apenas 24 anos, a peça retrata a Virgem Maria com o corpo de Cristo morto em seus braços, um tema comum na arte cristã, mas que aqui ganha uma dimensão única. A obra foi uma encomenda do cardeal francês Jean Bilhères de Lagrulas para o seu túmulo na Basílica de São Pedro, no Vaticano. O que a torna tão singular é a abordagem do artista à cena. Desafiando as representações da época, que focavam no sofrimento explícito, Michelangelo escolheu o caminho da sublimação.

A composição triangular da escultura confere uma harmonia e um equilíbrio quase divinos, contrastando com a tragédia do tema. Segundo aponta o historiador da arte E. H. Gombrich (1995), a maestria de Michelangelo se manifesta no equilíbrio que o artista alcança entre a representação fiel da natureza e a busca pela beleza idealizada. Vemos essa fidelidade na anatomia precisa do corpo de Cristo e no peso realista dos tecidos, mas vemos o ideal na juventude e na serenidade do rosto de Maria. Em vez da dor desesperada, sua expressão transmite uma aceitação

melancólica e uma paz que transcende o sofrimento humano, consolidando a obra como um ícone atemporal de compaixão e amparo materno.

Justificativa da Escolha

A escolha da "Pietà" como ponto de partida para este projeto não se deu por seu dogma religioso, mas por seu simbolismo universal sobre a relação de afeto entre mãe e filho. A obra de Michelangelo consolidou um padrão de beleza e de tema digno da arte, como discute Gombrich (1988) ao apontar como nos acostumamos com certas representações na arte. Este trabalho busca, portanto, desafiar esse padrão. A questão que o move é: o sagrado precisa estar contido na tragédia divina para ser considerado arte?

A proposta desta releitura é um ato de tradução, do divino para o cotidiano. É trazer o gesto imortalizado no mármore para o chão da Paraíba, substituindo a dor do luto pelo amparo silencioso e cotidiano entre uma mãe e sua filha. A intenção é afirmar que a mesma força contida na obra de Michelangelo se manifesta diariamente, de forma anônima e potente, no colo que acolhe o cansaço, no afeto que cura as pequenas dores e batalhas do dia a dia.

Nesta releitura, apresentamos o que elegemos como sagrado: uma mãe e uma filha paraibanas, apresentando a simbologia dos "pés no chão", que antes representava a perseverança no sofrimento, agora significa o "aterramento" do sublime. Enquanto a Pietà original repousa em um pedestal, a releitura busca a conexão com a terra, com a realidade palpável. É a celebração do sagrado que existe no aqui e no agora, na força da mulher e na beleza do cuidado que floresce no ordinário, validando a ideia de Gombrich de que "a beleza de um quadro não reside realmente na beleza de seu tema" e estabelecendo a base sobre a qual as próximas facetas do afeto serão

construídas. Este primeiro ato busca explorar o alicerce de todos os outros afetos: o cuidado que nos forma.

A releitura fotográfica

A releitura fotográfica da *Pietà* se materializa em uma cena de silêncio e entrega. No interior do Memorial Abelardo da Hora, situado no Espaço Cultural, uma mãe ampara sua filha, que repousa em seu colo. O corpo da filha não carrega o peso da morte, como na obra de Michelangelo, mas o peso da vida: o cansaço visível de um dia, de uma jornada. A mãe, por sua vez, não exibe uma dor divina e distante, mas uma serenidade forte, um olhar de quem conhece e acolhe essa fadiga sem precisar de palavras. A luz difusa do ambiente envolve as duas figuras, vestidas em roupas cotidianas, e seus pés descalços tocam o mesmo chão, ancorando este gesto universal em uma intimidade profundamente paraibana, sob o olhar das esculturas que os cercam.



Figura 4: Pietà (1499), por Michelangelo Buonarroti.
Fonte: Cultura Genial (2024).



Figura 5: Pietà Nordestina (2025).
Fonte: A autora (2025).

Planejamento visual e conceitual

Os mapas conceituais inseridos neste projeto cumprem a função de croquis de planejamento, ao detalhar o raciocínio de design por trás de cada fotografia. Cada mapa visual desdobra a imagem final em seus principais elementos simbólicos e técnicos, revelando as intenções que guiaram a composição, a iluminação e a direção de cada ato.

O mapa a seguir elucida o processo de materialização do conceito de "trazer o sagrado para o cotidiano", cujo planejamento visual foi focado na intimidade e na dignidade. A análise estrutura a imagem da Pietà Nordestina, detalhando as decisões de composição, luz e simbolismo utilizadas para traduzir a dor divina no amparo cotidiano.

Figura 6: Mapa conceitual da releitura "Pietà Nordestina".



Fonte: A autora (2025).

Critérios de seleção da obra

A escolha desta imagem como a representação final do Ato I foi guiada por uma combinação de critérios técnicos e subjetivos que, juntos, a tornaram a mais potente narrativa visual do conceito.

- **Critérios Técnicos:** A composição triangular, que ecoa a estrutura da obra de Michelangelo, confere um equilíbrio e uma solenidade naturais à cena. A luz difusa do ambiente interno se mostrou ideal, criando uma atmosfera suave e introspectiva, sem sombras duras que pudessem desviar a atenção das expressões. O foco está preciso no gesto de amparo e nos rostos das modelos, garantindo clareza emocional e técnica.
- **Critérios Subjetivos:** Dentre as imagens produzidas, esta foi a que melhor encapsulou a intenção conceitual do Ato I. Ela captura com genuína potência a verdade do gesto de cuidado e entrega, superando a mera recriação de uma pose para encontrar um sentimento real. A expressão da filha, que busca refúgio, e a da mãe, que oferece conforto, constroem a mais completa narrativa visual do colo materno como alicerce do afeto.

Figura 7: "Memorial Ao Retirante" (2008), de Abelardo da Hora.



Fonte: A autora (2025).

Análise simbólica

A força desta imagem reside em um poderoso ato de tradução. A cena não é mais sobre a dor do luto, mas sobre a beleza do amparo. O extraordinário gesto sagrado de Michelangelo é traduzido para o ritual sagrado do cotidiano: o colo de uma mãe que acolhe o cansaço da filha. Opondo-se à representação do filho morto da obra clássica, o que vemos aqui é a vida que busca refúgio, afirmando que o afeto não se manifesta apenas em momentos trágicos, mas, e talvez de forma ainda mais potente, na quietude do cuidado diário.

Essa tradução se aprofunda de maneira visceral no cenário escolhido: o "Memorial Ao Retirante" (2008), de Abelardo da Hora. A escolha do local foi deliberada, pois o conjunto escultórico narra uma história emblemática de resistência nordestina. Conforme revela o áudio explicativo da obra, as figuras representam a família do político Luiz Inácio Lula da Silva em sua jornada de migração, e a figura central é a matriarca, Dona Lindu, que, em meio à dureza da retirada, "acolhe um bebê no colo". Este fato enriquece a releitura com uma camada histórica fundamental. As esculturas ao fundo não são um cenário passivo, elas representam a herança da resiliência nordestina. A jornada de luta dos retirantes, materializada no concreto, é o pano de fundo histórico que deu origem à força do presente. Nesse sentido, o "cansaço" visível na filha não é apenas o de um dia, mas um cansaço que dialoga com essa memória coletiva, a fotografia acolhe não apenas a fadiga individual, mas, simbolicamente, o eco de toda a jornada de seu povo.

A obra cria, assim, um diálogo triplo e ainda mais potente: parte do arquétipo universal de Michelangelo, o atravessa pela lente da identidade nordestina de Abelardo da Hora, agora personificada na figura histórica de uma mãe retirante, e o entrega em sua forma mais íntima e contemporânea. A *Pietà Nordestina* não é de mármore, é de pele, cansaço, amor e memória histórica.

Ficha Técnica - Ato I

IDENTIFICAÇÃO

Título da Releitura: Pietà Nordestina

Obra de Referência: *Pietà* (1499), por Michelangelo Buonarroti

Modelos: Ivete Oliveira e Lívia Oliveira

Localização: Memorial Abelardo da Hora, Espaço Cultural José Lins do Rego, João Pessoa - PB

Produção Fotográfica: Ruth Maria, Sthephany Oliveira, Daniel Oliveira, Márzio Glauco.

Ano: 2025

DADOS TÉCNICOS DA CAPTURA

Câmera: Canon EOS Rebel T5i

Lente: Canon 50mm f/1.8 STM

ISO: 400

Abertura: f/3,5

Velocidade do obturador: 1/60s

Iluminação: Luz natural difusa (ambiente interno)

PÓS-PRODUÇÃO

Software de Edição: Adobe Lightroom

Tratamento: Tratamento com leve desaturação para criar uma atmosfera atemporal e pictórica. Os tons de pele foram sutilmente aquecidos para criar um contraste harmônico com a frieza das esculturas, reforçando o sentimento de acolhimento.

5.2 O beijo cotidiano: o afeto que nos transforma

Obra de Referência: O Beijo, por Auguste Rodin (c. 1882)

A obra original

Nascida da fúria criativa de Auguste Rodin, "O Beijo" é um instante de eternidade congelado em mármore. Originalmente concebida como parte do monumental portal "As Portas do Inferno", a peça foi inspirada na trágica história de Paolo e Francesca, do "Inferno" de Dante. No entanto, a genialidade de Rodin foi perceber que a ternura da cena era incompatível com a angústia do portal, decidindo isolar o casal para dar vida própria à obra. A escultura é um triunfo do naturalismo, onde os corpos se entrelaçam com uma sensualidade que chocou a época.

Conforme observa o poeta Rainer Maria Rilke (1946), Rodin consegue universalizar a paixão ao concentrar-se puramente no gesto, transmutando o aspecto físico em uma poderosa manifestação de vitalidade. Rodin não esculpiu uma história, mas o próprio sentimento. A emoção parece pulsar na pedra, nas curvas suaves que fazem o mármore parecer carne, tornando a obra um símbolo do amor em sua forma mais arrebatadora e humana.

Justificativa da Escolha

Se o primeiro ato desta jornada explorou o afeto fundamental que nos forma, este segundo capítulo se volta para o afeto que escolhemos e que pode nos transformar ao longo da vida: a parceria romântica. A escultura "O Beijo", de Auguste Rodin, foi selecionada como ponto de partida por ser o símbolo máximo da paixão idealizada, o que permite a esta releitura criar um diálogo direto e um contraponto a essa visão.

A proposta aqui é investigar o que vem depois do instante avassalador. Em vez de focar na explosão da paixão, aqui o intuito é retratar a beleza da continuidade. Para isso, a escolha de um casal maduro como protagonista é central. Eles representam o amor que já não precisa da urgência para se provar, um afeto que evoluiu para a cumplicidade, o cuidado diário e a confiança mútua.

Dessa forma, este segundo ato busca valorizar o amor cotidiano como uma forma de arte em si. A intenção é propor que a beleza de uma relação não reside apenas em seu início apaixonado, mas na força serena e resiliente de sua construção.

A releitura fotográfica

A releitura fotográfica de "O Beijo" se materializa em um retrato íntimo, capturado às margens do Rio Sanhauá, berço da cidade de João Pessoa. A imagem retrata o casal maduro em um momento de serenidade, sentados sobre o parapeito do antigo Hotel Globo, com os telhados do Centro Histórico e a vegetação ribeirinha compondo a paisagem ao fundo. Banhados pela luz dourada e difusa do sol poente, eles se inclinam um para o outro, os rostos próximos, no instante que precede o beijo. O sol, posicionado exatamente entre seus lábios, cria um ponto de luz fulgurante, que parece sair do próprio gesto de afeto.

A escolha do cenário buscou um espaço que carregasse o peso simbólico do tempo e da memória. A intenção foi posicionar o casal em um ambiente que dialogasse com o nascedouro da cidade, conectando a história de afeto particular deles com a memória coletiva e conferindo ao gesto uma sensação de permanência e dignidade atemporal. A composição não busca a paixão avassaladora de Rodin, mas a paz de um amor que encontrou seu porto seguro.

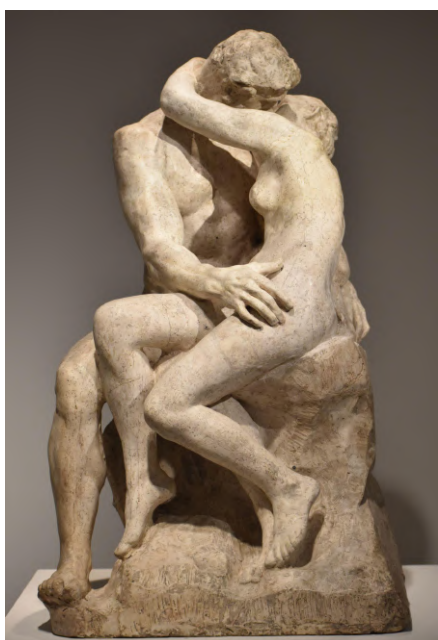


Figura 8: O Beijo (c. 1882), por Auguste Rodin.
Fonte: WikiArt.



Figura 9: O beijo cotidiano (2025).
Fonte: A autora (2025).

Planejamento visual e conceitual

Para ressignificar a paixão avassaladora de Rodin na serenidade de uma parceria duradoura, cada elemento da composição foi intencionalmente planejado. O croqui a seguir demonstra como a luz, o cenário e o gesto do casal foram

orquestrados para construir uma atmosfera de cumplicidade e calor, celebrando a beleza da continuidade

Figura 10: Mapa conceitual da releitura "O beijo cotidiano".



Fonte: A autora (2025).

Critérios de seleção da obra

A escolha desta imagem como a representação final do Ato II foi um processo guiado pela busca da fotografia que melhor traduzisse a passagem da paixão avassaladora para a serenidade da parceria duradoura.

- **Critérios Técnicos:** A iluminação é o fator técnico decisivo. A captura durante a *golden hour*, com o sol posicionando-se exatamente entre os lábios do casal, criou um ponto de luz fulgurante que serve como âncora visual e simbólica. A composição centralizada e o foco preciso no casal (em primeiro plano), com o fundo suavemente desfocado (segundo plano), garantem a ênfase na intimidade do gesto.
- **Critérios Subjetivos:** A escolha desta imagem se deu por sua capacidade de materializar o conceito "Amor-sol". A fotografia traduz com exatidão a serenidade e a cumplicidade de um amor maduro, onde a paz e a conexão transcendem a simples pose. Mais do que representar, a imagem irradia o afeto resiliente que define este ato, concretizando a beleza de uma relação construída no tempo.

Análise simbólica

Nesta etapa, o processo criativo pôde ser guiado pela intuição, resultando num aprofundamento de conceito de forma fluida. A escolha final pelo pôr do sol no antigo Hotel Globo, às margens do Rio Sanhauá, conferiu à obra uma simbologia potente. O cenário não é apenas um local, mas um personagem: no lugar onde a cidade nasceu, o amor do casal é retratado como uma força igualmente fundadora e infindável. A luz natural e quente do fim de tarde, que os banha, torna-se a metáfora visual para o que pode-se chamar de "amor-sol: um afeto que já não precisa da

explosão para se provar, mas que se manifesta como uma luz constante, que aquece e reafirma.

O simbolismo se aprofunda na poética do local: em João Pessoa, a cidade onde o sol nasce primeiro, a fotografia captura o momento em que o amor renasce ao se pôr. O beijo iminente, com o sol a brilhar entre os lábios, sugere que cada fim de dia é uma renovação da promessa de parceria. É um amor que se regenera ciclicamente, como o próprio sol.

Este poder transformador da arte, central na proposta do trabalho, manifestou-se de forma notável no processo. A experiência de recriar o gesto de afeto em um cenário carregado de memória permitiu ao próprio casal uma redescoberta de sua parceria, como verbalizado pelo modelo na frase: "*fazer as fotos me fez descobrir que o amor por ela é maior ainda*". Esta declaração é o resultado mais significativo do projeto, a prova de que a arte, quando trazida para o cotidiano, não apenas representa o afeto, mas tem o poder de intensificá-lo.

Ficha Técnica - Ato II

IDENTIFICAÇÃO

Título da Releitura: O beijo cotidiano

Obra de Referência: *O Beijo* (c. 1882), por Auguste Rodin

Modelos: Janaína Oliveira e Valter Frazão

Locação: Hotel Globo, Centro Histórico, João Pessoa - PB

Produção Fotográfica: Ruth Maria, Sthephany Oliveira, Daniel Oliveira, Livia Maria, Márzio Glauco.

Ano: 2025

DADOS TÉCNICOS DA CAPTURA

Câmera: Canon EOS Rebel T5i

Lente: Canon 50mm f/1.8 STM

ISO: 100

Abertura: f/2,8

Velocidade do obturador: 1/60s

Iluminação: Luz natural direta (pôr do sol)

PÓS-PRODUÇÃO

Software de Edição: Adobe Lightroom

Tratamento: Realce da luz dourada do pôr do sol e ajuste de contraste para criar uma atmosfera de serenidade e permanência.

5.3 A Moça que se fez Arte: O espelho que nos afirma.

Obra de Referência: Moça com o Brinco de Pérola, por Johannes Vermeer (c. 1665)

A obra original

Pintada pelo mestre holandês Johannes Vermeer, "Moça com o brinco de pérola" é um dos retratos mais enigmáticos e estudados da arte. Não se trata de um retrato formal, mas de um *tronie*, um estudo de um rosto anônimo, focado na expressão e, acima de tudo, na luz. A maestria de Vermeer reside em sua capacidade de capturar a luz de uma forma quase mágica, utilizando técnicas como a *câmera obscura* para obter um realismo fotográfico. A luz banha suavemente o

lado esquerdo do rosto da jovem, brilha em seus lábios úmidos e culmina no brilho solitário da pérola contra o fundo escuro.

Para o historiador da arte Lawrence Gowing (1952), o fascínio da obra reside na atmosfera de incerteza e na sensação de um momento subitamente capturado. O olhar súbito da jovem por cima do ombro, o turbante exótico e a expressão ambígua criam uma atmosfera de intimidade e mistério. Ela não é uma figura passiva, ela nos confronta com seu olhar, convidando-nos a questionar quem ela é e o que pensa, transformando-a em um símbolo atemporal da feminilidade como algo a ser contemplado e decifrado.

Justificativa da escolha

Se os atos anteriores exploraram as relações com o outro, este terceiro capítulo representa um ponto de virada introspectivo: a jornada para o afeto próprio. A obra de Vermeer foi escolhida pela oportunidade de criar um diálogo direto com seu ideal de beleza enigmática e distante. A proposta desta releitura é subverter essa ideia, apresentando uma mulher que não convida a ser decifrada, mas que se afirma com clareza e orgulho.

O gesto central para essa nova narrativa é a troca simbólica: a pérola, um ícone de luxo e de um padrão europeu, dá lugar a um brinco de artesanato local. Esta escolha é uma declaração de que o maior valor de uma mulher não está em um adorno raro, mas na riqueza de sua própria cultura e identidade. O cabelo cacheado, que na releitura ganha o protagonismo de uma coroa, celebra uma beleza real e paraibana, que não precisa ser domada para ser admirada.

Figura 11: Detalhe do brinco de artesanato paraibano.



Fonte: A autora (2025).

A escolha do cenário, o Memorial Abelardo da Hora no Espaço Cultural, aprofunda este conceito de forma visceral. Em vez de um jardim, a fotografia busca posicionar sua personagem dentro de um templo da arte paraibana. Em um espaço dedicado às esculturas de um mestre que celebrou a força e a dignidade do povo nordestino, a releitura se torna um manifesto. A fotografia não busca apenas capturar um retrato bonito; ela busca inserir uma mulher real e contemporânea na história da arte, como uma obra viva de igual valor. É o momento em que a personagem não apenas se olha no espelho, mas se vê refletida na própria cultura que a cerca, ocupando o seu lugar de direito.

A releitura fotográfica

A releitura da "Moça com o brinco de pérola" se constrói a partir de uma subversão direta da obra de Vermeer. O olhar enigmático da pintura original dá lugar a um olhar direto e autoconfiante, que não pede decifração, mas convida ao reconhecimento. A cena ocorre no interior do Memorial Abelardo da Hora, e o fundo

escuro e neutro de Vermeer é aqui substituído por uma parede de um vermelho quente e terroso, que pulsa com vida. A icônica pérola, símbolo de um padrão europeu, dá lugar a um brinco de artesanato, adquirido diretamente das mãos de da própria artesã, em uma loja no Museu do Artesanato Paraibano. Para completar a composição, um lenço de tons terrosos, cuidadosamente escolhido para dialogar com a paleta do brinco e do fundo, substitui a gola sóbria da pintura, emoldurando o rosto da modelo com as cores de sua terra.



Figura 12: Moça com brinco de pérola (c. 1665), por Johannes Vermeer.
Fonte: WikiArt.



Figura 13: A moça que se fez Arte (2025).
Fonte: A autora (2025).

Planejamento visual e conceitual

A proposta de subverter o olhar enigmático de Vermeer em um manifesto de identidade exigiu um planejamento visual assertivo. O mapa conceitual a seguir detalha as escolhas de cor, adorno e contexto que fundamentam a releitura, mostrando como cada elemento contribui para a construção de uma imagem de auto afirmação e orgulho.

Figura 14: Mapa conceitual da releitura "A moça que se fez arte".



Fonte: A autora (2025).

Critérios de seleção da obra

A escolha desta imagem como a representação final do Ato III foi guiada por uma combinação de critérios técnicos e subjetivos que, juntos, materializam de forma precisa e potente o conceito do "afeto que afirma".

- **Critérios Técnicos:** A composição dialoga diretamente com a obra de Vermeer, utilizando a pose clássica com o olhar por sobre o ombro, mas a recria com uma nova energia. A iluminação em *chiaroscuro*, com uma luz lateral bem definida, esculpe o rosto da modelo e cria um volume dramático, garantindo o foco absoluto em sua expressão. A paleta de cores é uma escolha conceitual deliberada: o fundo vermelho vibrante, em contraste com o lenço e o brinco, cria uma atmosfera quente e presente, uma clara oposição à sobriedade do fundo escuro do original. O foco seletivo está cravado nos olhos da modelo, estabelecendo uma conexão imediata, enquanto o enquadramento permite que as obras de arte ao fundo sejam percebidas, adicionando textura e contexto à cena.
- **Critérios Subjetivos:** Esta imagem foi selecionada por ser a mais potente síntese visual do conceito de afirmação. Nela, todos os elementos convergem para a construção de um manifesto: o fundo vermelho simboliza a força interior; as obras de Abelardo da Hora validam sua presença na história da arte; e o brinco de artesanato ancora a cena na cultura local. Acima de tudo, a expressão calma e direta da modelo é o que concretiza a narrativa, traduzindo a passagem do mistério para a certeza e do afeto a ser decifrado para o afeto que se declara.

Análise Simbólica

Este ato é a celebração do afeto próprio, uma jornada ao espelho que não reflete apenas um rosto, mas uma identidade inteira. A análise parte da troca simbólica que é o coração da obra: a pérola anônima pelo brinco com história. Este gesto é um manifesto. Ao usar uma peça comprada diretamente de uma artesã paraibana, a modelo não usa apenas um adorno, ela usa uma história, a força criativa de outra mulher de sua terra. É a afirmação de que o belo não está no exótico ou no distante, mas na riqueza que brota do seu próprio chão.

A paleta de cores quentes é a representação visual dessa afirmação. O fundo vermelho e os tons terrosos do lenço não são escolhas estéticas, são a representação da paixão, da terra, da força interior que não se esconde mais na penumbra. É uma atmosfera que acolhe e declara, em oposição ao vácuo misterioso de Vermeer. Dentro do Memorial Abelardo da Hora, essa declaração ganha a força de um eco: as esculturas de um mestre que celebrou a dignidade do povo nordestino testemunham a chegada de uma nova voz. Ela não está mais apenas visitando um museu, está iniciando um diálogo visual com a história da arte paraibana, como uma obra viva, adornada pela arte de sua própria gente.

Ficha Técnica - Ato III

IDENTIFICAÇÃO

- **Título da Releitura:** A Moça que se fez Arte
- **Obra de Referência:** *Moça com o Brinco de Pérola* (c. 1665), por Johannes Vermeer
- **Modelos:** Lisandra Lima
- **Locação:** Memorial Abelardo da Hora, Espaço Cultural José Lins do Rego, João Pessoa - PB
- **Produção Fotográfica:** Ruth Maria, Sthephany Oliveira, Daniel Oliveira, Livia Maria, Márzio Glauco.

- **Ano:** 2025

DADOS TÉCNICOS DA CAPTURA

Câmera: Canon EOS Rebel T5i

Lente: Canon 50mm f/1.8 STM

ISO: 400

Abertura: f/1,8

Velocidade do obturador: 1/60s

Iluminação: Luz natural lateral (chiaroscuro)

PÓS-PRODUÇÃO

Software de Edição: Adobe Lightroom

Tratamento: Colorização para realçar os tons quentes e terrosos. Aplicação de vinheta e escurecimento seletivo do fundo para aumentar o contraste, direcionar o olhar para a modelo e reforçar a atitude de afirmação da personagem.

5.4 Prosérpina Paraibana: As raízes que nos compõem

Obra de Referência: Prosérpina, por Dante Gabriel Rossetti (1874)

A obra original

"Prosérpina" é uma obra emblemática do movimento Pré-Rafaelita, carregada de simbolismo e uma beleza melancólica. A pintura retrata a deusa do submundo,

aprisionada após comer um bago da romã, o fruto que selou seu destino. A modelo foi Jane Morris, musa e figura central na vida do artista, o que adiciona uma camada de complexidade pessoal à obra. Conforme ressaltado por Treuherz e seus coautores, na obra *Dante Gabriel Rossetti* (2003), a análise da pintura frequentemente aponta que o artista não foca na tragédia do rapto, mas no estado de espírito de quem vive entre dois mundos.

A composição vertical e claustrofóbica, o olhar pensativo e distante da deusa e a paleta de cores sombrias evocam um sentimento de saudade e dualidade. Cada elemento é um símbolo: o ramo de hera ao fundo representa a memória que se agarra, e a fumaça do incensário, um atributo de divindade. A única fonte de luz ilumina seu rosto e a romã, o símbolo de sua condenação e conexão com o passado, tornando a pintura um poderoso retrato sobre a memória e o anseio por um lar perdido.

Justificativa da Escolha

O ato final desta jornada mergulha na camada mais profunda do afeto: a relação com nossas origens. A "Prosérpina" foi escolhida para encerrar a narrativa por sua capacidade de simbolizar a memória e as raízes que nos compõem. A releitura busca traduzir a dualidade mitológica para uma experiência profundamente contemporânea e paraibana: a da jovem que vive entre a agitação da capital e a memória afetiva de sua cidade no interior.

Na releitura, a romã do submundo pode se transformar em um fruto local que evoca o sabor da infância. Da mesma forma, um elemento de barro, a quartinha, é introduzido para ancorar a cena na terra e no quintal, simbolizando a própria origem que a memória, evocada pela manga, busca revisitar. A escuridão do cenário original dá lugar à luz filtrada de um quintal, representando não um cativeiro, mas o espaço sagrado da memória, o lugar para onde a mente retorna para se reencontrar.



Figura 15: Detalhe da quartinha de barro, símbolo da origem.
Fonte: A autora (2025).



Figura 16: Detalhe da manga, símbolo da memória afetiva.
Fonte: A autora (2025).

Com isso, este último capítulo fecha o ciclo narrativo proposto neste trabalho. Depois de explorar o afeto que forma (Pietà), o afeto que transforma (O beijo) e o afeto que afirma (A Moça), a jornada agora se aprofunda na dimensão do passado, integrando-o a este retrato coletivo. A fotografia busca capturar a beleza pensativa de quem compreende que suas raízes não a prendem, mas a definem. É uma celebração do afeto pela origem como a força que, finalmente, torna o mosaico da experiência feminina paraibana mais complexo e inteiro.

A releitura fotográfica

A releitura de "Prosérpina" traduz o drama mitológico de Rossetti em um retrato íntimo e contemplativo. A composição claustrofóbica e o cenário sombrio do submundo dão lugar a um enquadramento fechado, onde a escuridão serve para focar o espectador no universo interior da personagem. A deusa melancólica, presa entre dois mundos, é reinterpretada como uma jovem paraibana cujo olhar se perde para baixo, em um estado de profunda reflexão, não de aprisionamento. A luz lateral suave esculpe seu rosto na penumbra. O elemento central da pintura, a romã que sela o destino da deusa, é substituído por uma manga, segurada com a mesma delicadeza, transformando o símbolo de condenação em um elo com a memória

afetiva. Ao seu lado, repousa a quartinha de barro, cuja textura rústica e forma acolhedora servem de âncora terrena para a cena.



Figura 17: Prosérpina (1874), por Dante Gabriel Rossetti.
Fonte: WikiArt.



Figura 18: Prosérpina Paraibana (2025).
Fonte: A autora (2025).

Planejamento visual e conceitual

A tradução do mito de Prosérpina para uma experiência íntima sobre memória e pertencimento foi guiada por um planejamento simbólico detalhado. O croqui a seguir ilustra como os elementos-chave da fotografia: o fruto, a luz e os objetos de cena foram escolhidos para transformar a narrativa mitológica em um poema visual sobre as raízes que nos compõem.

Figura 19: Mapa conceitual da releitura "Prosérpina Paraibana".



Fonte: A autora (2025).

Critérios de seleção da obra

A escolha desta imagem como a representação final do Ato IV foi guiada por sua profunda capacidade de traduzir um mito complexo em um sentimento universal e silencioso.

- **Critérios Técnicos:** A iluminação em claro-escuro, com uma luz lateral suave, esculpe o rosto da modelo e cria a atmosfera de introspecção que o conceito pede. A composição, com a modelo aninhada no quadro, e o foco preciso em sua expressão e na textura da manga, direcionam o olhar do espectador para a alma da cena.
- **Critérios Subjetivos:** A imagem foi escolhida por sua profunda capacidade de traduzir a complexa "saudade poética" em um gesto visual. A expressão da modelo é o elemento central, transmitindo não a tristeza, mas uma introspecção que conecta a personagem a um universo interior. A forma delicada como segura a manga, tratada como uma relíquia, comunica a preciosidade da memória de forma visceral, tornando esta a representação mais fiel e emocionante do conceito.

Análise Simbólica

O ato final desta jornada mergulha no afeto pelas origens, traduzindo o mito de Prosérpina para a experiência contemporânea da jovem que carrega em si a memória de seu lugar de origem. O submundo, aqui, não é um cativeiro, mas o espaço sagrado da memória, e a luz do presente dialoga com as sombras do passado. O coração conceitual da releitura reside na dupla de símbolos: a manga e a quartinha. A romã, fruto da condenação no mito, é substituída pela manga, o amuleto sensorial que representa o sabor da infância no interior da Paraíba, mas a sua escolha se aprofunda ao notar que, na obra de Rossetti, há um elemento na composição: um incensário, que parece ser feito a partir de um material caro. A releitura, ao substituir o incensário pela quartinha, um objeto humilde, que guarda a água e o frescor da terra, realiza uma tradução poética: o sagrado aqui é a própria

origem, a ancestralidade contida no barro. Assim, a manga e a quartinha atuam em conjunto: a primeira como o portal da memória, a segunda como a âncora da origem. Desta forma, a expressão da modelo não é de tristeza, mas de uma contemplação serena de quem se reconhece na própria história.

Este último capítulo fecha o ciclo narrativo do trabalho. Depois do afeto que forma (Pietà Nordestina), que transforma (O beijo cotidiano) e que afirma (A Moça que se fez arte), a jornada se completa com o afeto que ancora: a compreensão de que as raízes não prendem, mas definem, tornando o mosaico da experiência humana mais complexo e inteiro.

Ficha Técnica - Ato IV

IDENTIFICAÇÃO

Título da Releitura: Prosérpina Paraibana

Obra de Referência: *Prosérpina* (1874), por Dante Gabriel Rossetti

Modelos: Myrela Andrade

Locação: Jardins do Hotel Globo, João Pessoa - PB

Produção Fotográfica: Ruth Maria, Sthephany Oliveira, Daniel Oliveira, Livia Maria, Márzio Glauco.

Ano: 2025

DADOS TÉCNICOS DA CAPTURA

Câmera: Canon EOS Rebel T5i

Lente: Canon 50mm f/1.8 STM

ISO: 100

Abertura: f/1.8

Velocidade do obturador: 1/25s

Iluminação: Luz natural lateral suave

PÓS-PRODUÇÃO

Software de Edição: Adobe Lightroom

Tratamento: Aprofundamento das sombras para criar um efeito claro-escuro e realçar a atmosfera íntima e contemplativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nasceu de uma inquietação: a de que as grandes obras de arte, abrigadas em seus templos de mármore, falavam de um mundo que não parecia o nosso. A proposta, portanto, foi um ato de tradução e de afeto: construir uma ponte entre o cânone universal e o chão da Paraíba, investigando se a arte clássica, ao ser despida de sua solenidade e vestida com a nossa pele, poderia finalmente se parecer com a gente. O afeto foi escolhido como a linguagem para essa tradução, o fio condutor capaz de costurar tempos, geografias e sentimentos.

A jornada se desdobrou em um mosaico de quatro atos, mapeando as geografias da alma. Partimos do cuidado que nos forma, encontrando na *Pietà* a força do amparo cotidiano. Avançamos para a parceria que nos transforma, vendo em *O Beijo* a serenidade de um amor que perdura. Mergulhamos então no espelho que nos afirma, onde *A Moça que se fez Arte* trocou a pérola pela identidade,

encontrando-se na arte de sua própria terra. Por fim, encerramos o ciclo com a memória que nos compõe, reconhecendo em *Prosérpina* as raízes que, em vez de nos prender, nos definem. Cada releitura se provou não uma cópia, mas um eco, uma resposta a uma pergunta antiga feita com um sotaque novo.

Ao final do percurso, a resposta à inquietação inicial se tornou clara. A distância entre a arte e a vida é desfeita no instante em que reconhecemos que o sagrado não reside no tema da obra, mas na verdade do gesto que ela captura. Este projeto revelou que a força de um amparo materno no Memorial Abelardo da Hora é tão universal quanto a da Virgem de Michelangelo, e que a beleza de um adorno de barro, carregado de história, pode ser tão potente quanto a de uma pérola enigmática. A maior descoberta, talvez, tenha sido que os acasos do processo, como a chuva que nos guiou para dentro do Memorial, não foram desvios, mas o próprio caminho se revelando, provando que o diálogo mais rico acontece quando estamos abertos a ouvir o que o lugar e o momento têm a dizer.

Conclui-se, portanto, que a arte se parece conosco sempre que nos damos a permissão de nos enxergar nela. Ela não é um destino distante a ser visitado, mas um território que já habita em nós, na força de nossos laços, na certeza de nossa identidade e na beleza de nossas memórias. Este ensaio foi apenas um convite para abrir a porta e deixar a arte entrar.

REFERÊNCIAS

APPLE, Teco. **MC Tha lança videoclipe de "Despedida" recheado de referências.** Teco Apple, 23 dez. 2020. Disponível em: <https://tecoapple.com/2020/12/23/mc-tha-despedida-video/>. Acesso em: 10 set. 2025.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos.** Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERGER, John. **Modos de ver.** Lisboa: Edições 70, 1972.

CULTURA GENIAL. **Escultura Pietà, de Michelangelo: história, significado e análise.** 2024. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/escultura-pieta-de-michelangelo/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

ECO, Umberto. **Obra Aberta.** Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1968.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte.** 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1995.

GOMBRICH, E. H. **Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GOWING, Lawrence. **Vermeer.** London: Faber and Faber, 1952.

HERRERA, Hayden. **Frida: A Biography of Frida Kahlo.** New York: Harper & Row, 1983.

KETTENMANN, Andrea. **Frida Kahlo: Pain and Passion.** Cologne: Taschen, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Desire in Language: A Semiotic Approach to Literature and Art**. New York: Columbia University Press, 1980.

LEAL, Weydson Barros. **Abelardo da Hora: o humanismo vigoroso**. Continente, ed. 165, set. 2014. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/165/abelardo-da-hora--o-humanismo-vigoro> so. Acesso em: 04 set. 2025.

MITCHELL, W. J. T. **What Do Pictures Want?: The Lives and Loves of Images**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

NORMAN, Don. **Design Emocional: Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

OLIVEIRA, Ruth Maria Santos de. [Moodboard de Referências] Ato I - Pietà. Pinterest, 2025. Disponível em: <https://br.pinterest.com/board/779404347952483865/>>. Acesso em: 12 set. 2025.

OLIVEIRA, Ruth Maria Santos de. [Moodboard de Referências] Ato II - O Beijo. Pinterest, 2025. Disponível em: <https://br.pinterest.com/board/779404347952483854/>>. Acesso em: 12 set. 2025.

OLIVEIRA, Ruth Maria Santos de. [Moodboard de Referências] Ato III - A Moça. Pinterest, 2025. Disponível em: <https://br.pinterest.com/board/779404347952483868/>>. Acesso em: 12 set. 2025.

OLIVEIRA, Ruth Maria Santos de. [Moodboard de Referências] Ato IV - Prosérpina. Pinterest, 2025. Disponível em: <https://br.pinterest.com/board/779404347952483162/>>. Acesso em: 12 set. 2025.

RILKE, Rainer Maria. **Auguste Rodin**. London: Grey Walls Press, 1946.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TREUHERZ, Julian; PRESTECOT, Elizabeth; UPSTONE, Robert. **Dante Gabriel Rossetti**. London: Thames & Hudson, 2003.

WIKIART.ORG. **Visual Art Encyclopedia**. Disponível em: <<https://www.wikiart.org/>>. Acesso em: 05 de agosto de 2025.

APÊNDICES

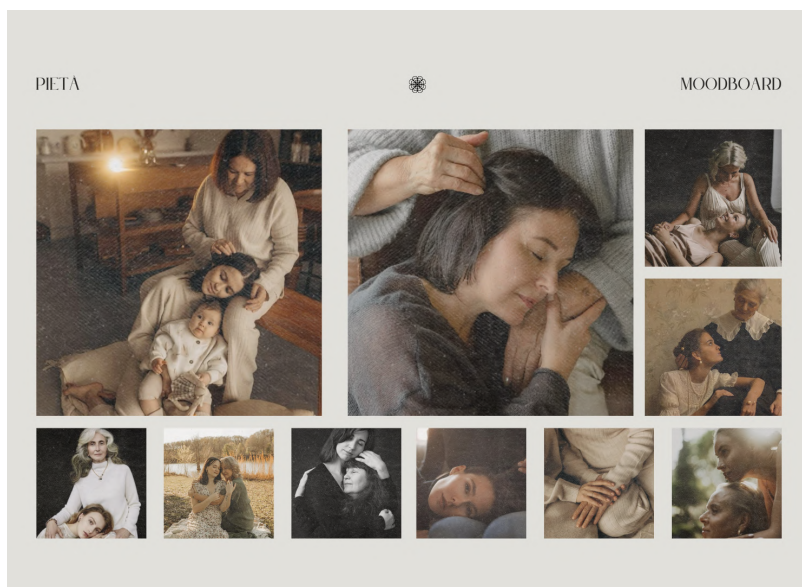
APÊNDICE A – DOCUMENTAÇÃO DO PROCESSO CRIATIVO

Este apêndice reúne os artefatos visuais que documentam o processo de planejamento e execução do ensaio fotográfico "Quando a arte se parece com a gente". Ele busca ilustrar as etapas de pesquisa, concepção e produção descritas na metodologia.

A.1 - Moodboard de Referências

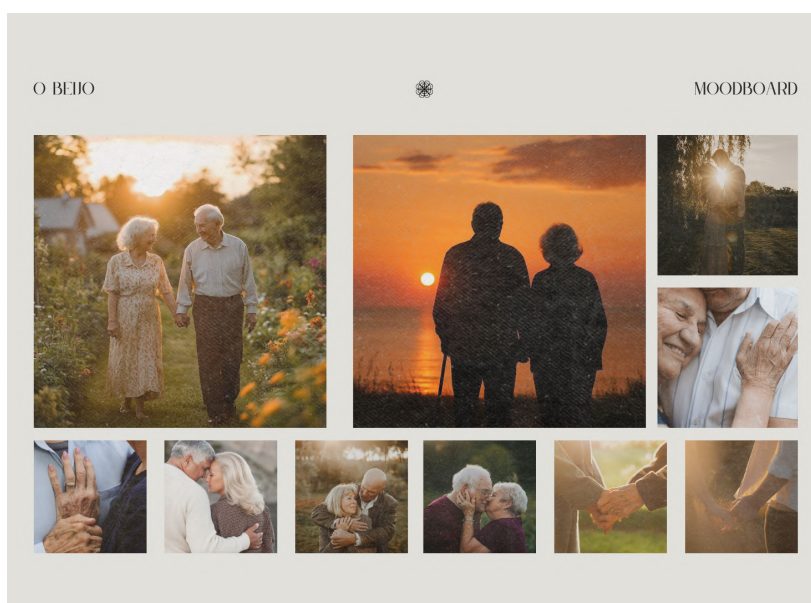
Os painéis visuais de referência a seguir, foram construídos a partir de uma curadoria de imagens pesquisadas na plataforma Pinterest. Cada painel busca traduzir visualmente os conceitos, as atmosferas, as paletas de cores e as texturas que nortearam a direção de arte de cada um dos quatro atos do ensaio fotográfico.

Figura 20: Moodboard de Referências para o Ato I - Pietà.Nordestina



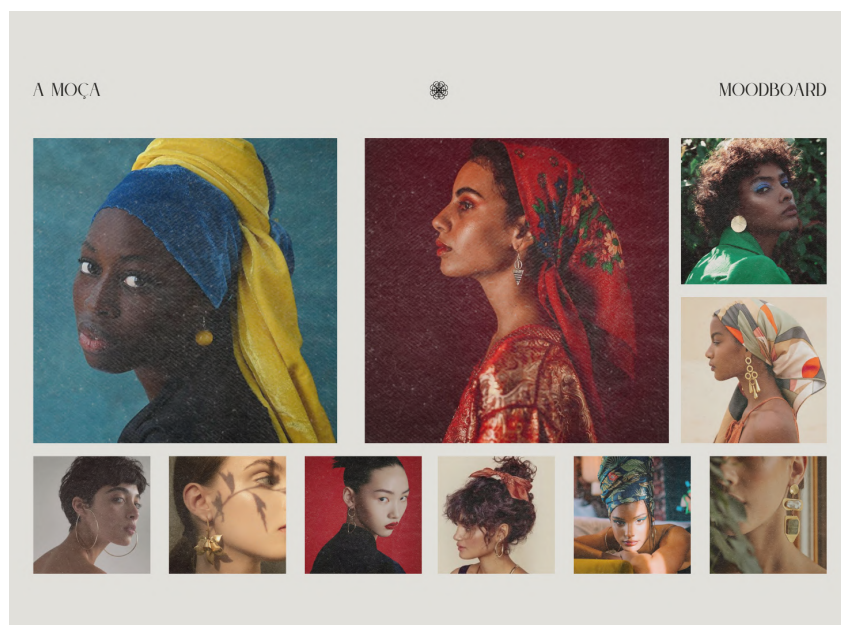
Fonte: Pinterest.

Figura 21: Moodboard de Referências para o Ato II - O beijo cotidiano.



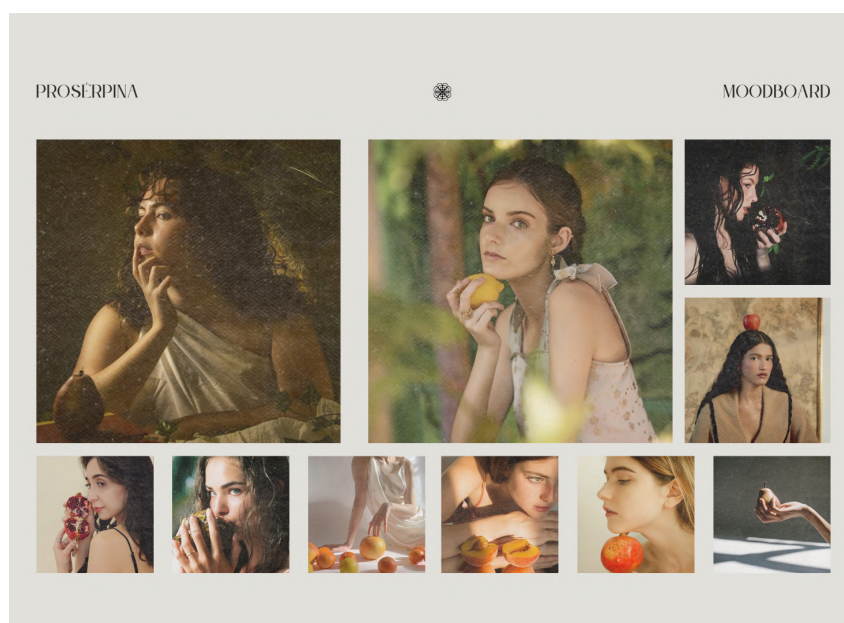
Fonte: Pinterest.

Figura 22: Moodboard de Referências para o Ato III - A moça que se fez arte.



Fonte: Pinterest..

Figura 23: Moodboard de Referências para o Ato IV - Prosérpina Paraibana.

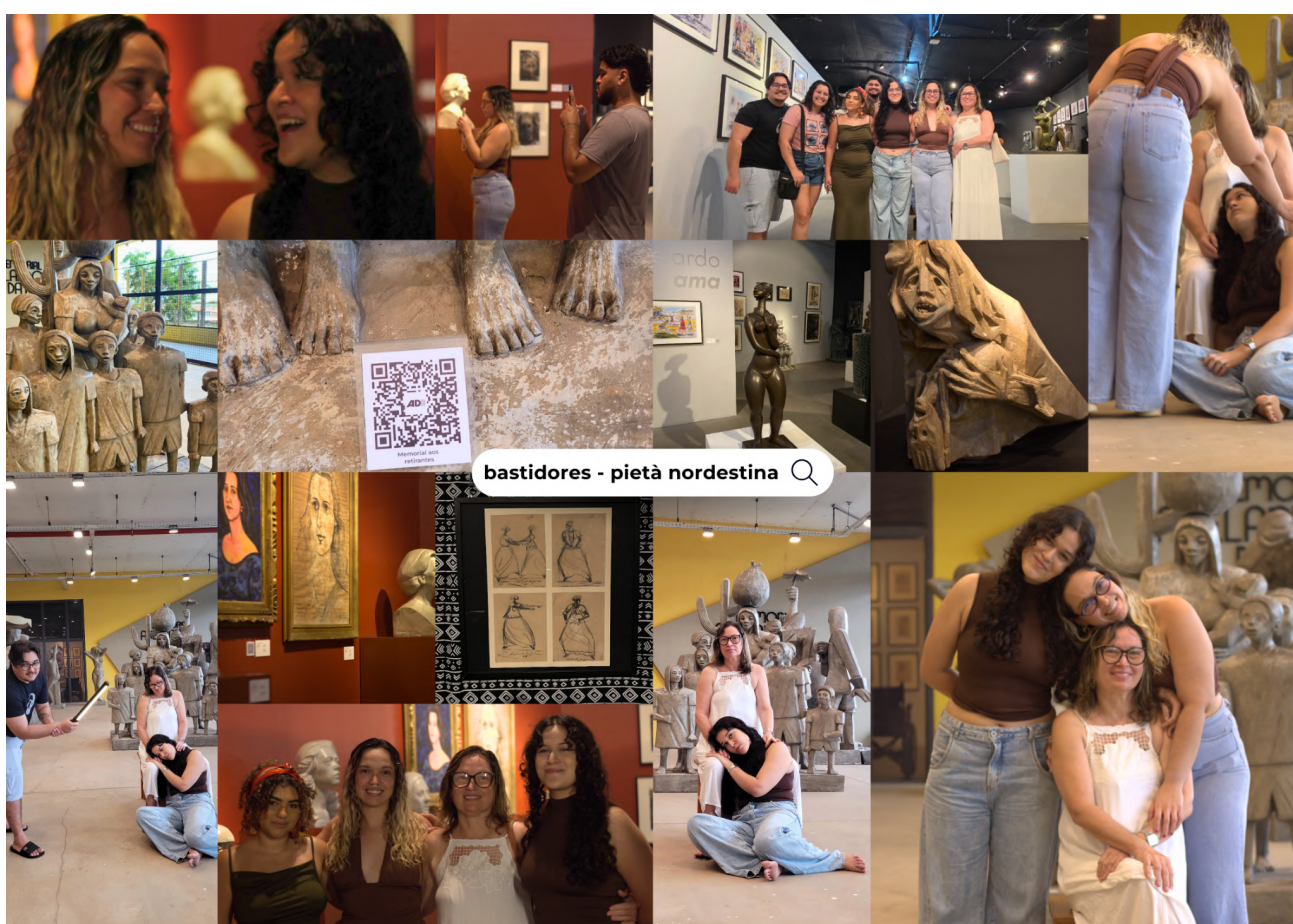


Fonte: Pinterest.

A.2 - Fotografias de Bastidores

As imagens a seguir registram momentos do processo de produção dos ensaios. Essas capturas documentam a interação com os modelos, a montagem dos cenários e o trabalho de direção em campo, ilustrando a transição do conceito para a prática.

Figura 24: Painel de Bastidores da Produção.



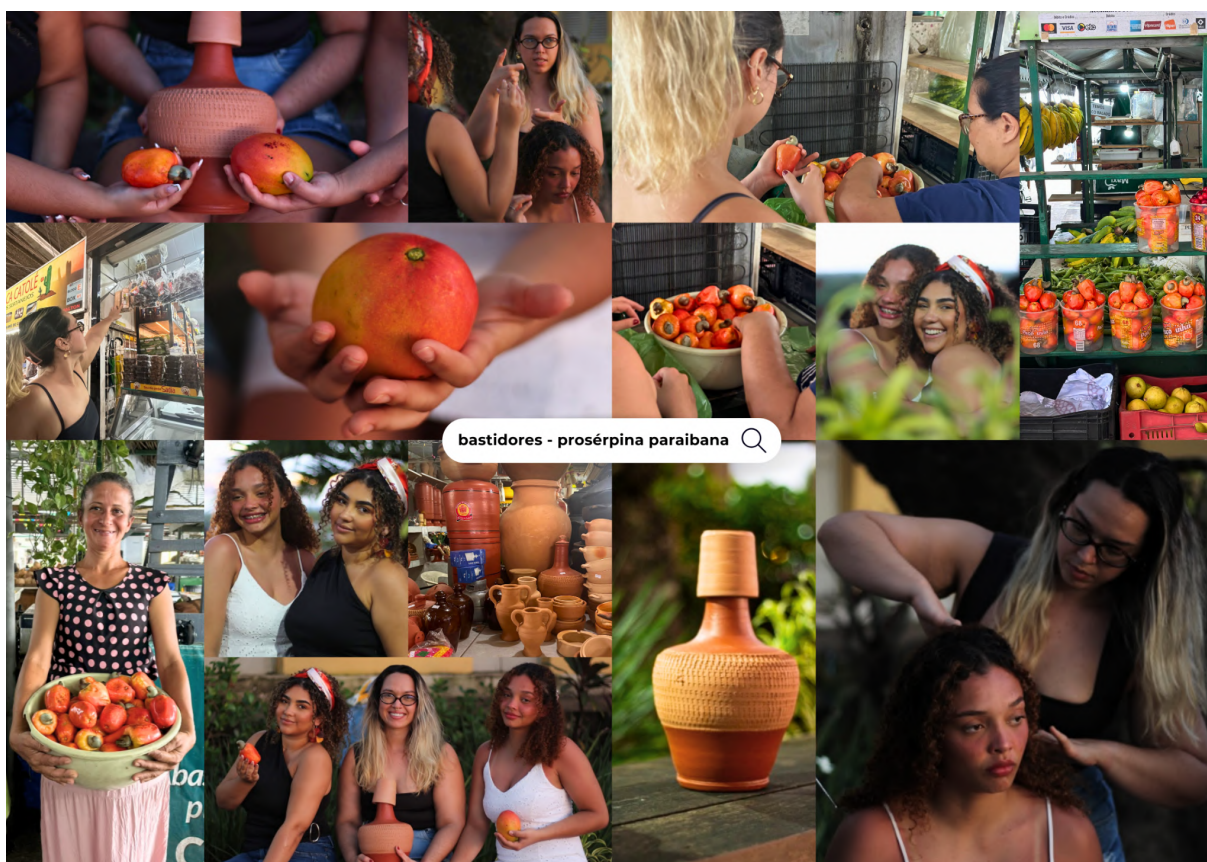
Fonte: A autora (2025).

Figura 25: Pannel de Bastidores da Produção



Fonte: A autora (2025).

Figura 27: Painel de Bastidores da Produção.



Fonte: A autora (2025).

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O documento a seguir é o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) apresentado e assinado por todos os modelos que participaram voluntariamente do ensaio fotográfico deste trabalho. Sua finalidade é documentar que os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos do projeto e consentiram com o uso de suas imagens para os fins acadêmicos e de divulgação desta pesquisa, em conformidade com as diretrizes éticas.

Figura 28: Termos de consentimento assinados pelos participantes.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USO DE IMAGEM TÍTULO DO PROJETO: QUANDO A ARTE SE PARECE COM A GENTE: UM ENSAIO SOBRE O AFETO A PARTIR DE OBRAS CLÁSSICAS PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Ruth Maria Santos de Oliveira INSTITUIÇÃO: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Curso de Bacharelado em Design, Campus IV. Prezado(a) Participante, Eu, Ruth Maria Santos de Oliveira, estudante do curso de Design da UFPB, estou a desenvolver o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e gostaria de convidá-lo(a) a participar deste projeto artístico e acadêmico. 1. OBJETIVOS DO PROJETO: Este projeto é definido como um ensaio fotográfico que busca recriar obras de arte clássicas, trazendo-as para o nosso cotidiano na Paraíba. O objetivo é contar uma história sobre o afeto, celebrando as nossas relações, a nossa identidade e a nossa cultura através de imagens sensíveis e poéticas. 2. A SUA PARTICIPAÇÃO: A sua participação consistirá em posar para um ensaio fotográfico como modelo, representando uma das personagens das leituras artísticas. O ensaio será conduzido por mim, num ambiente seguro e respeitoso, com duração aproximada de [3 horas]. Não há quaisquer riscos ou desconfortos previstos, apenas a colaboração artística.	3. USO DAS IMAGENS: Ao concordar em participar, você autoriza o uso das fotografias resultantes deste ensaio para as seguintes finalidades, sem quaisquer custos ou ônus: • Inclusão no corpo do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato digital e impresso. • Apresentação em bancas de qualificação e defesa do TCC. • Utilização em exposições acadêmicas e culturais, festivais de arte e fotografia. • Publicação em artigos científicos, livros, revistas e portfólios (online e impressos) relacionados ao projeto, sempre com os devidos créditos à sua participação como modelo. • Divulgação do projeto em redes sociais de caráter profissional e artístico. 4. CONFIDENCIALIDADE E VOLUNTARIEDADE: A sua participação é totalmente voluntária. Você tem o direito de desistir a qualquer momento, antes, durante ou após o ensaio, sem qualquer prejuízo. O seu nome pode ser creditado como participante (modelo) ou mantido em sigilo, de acordo com a sua preferência. Eu estarei à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa do projeto.
--	---

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Miranda Andreia Pinto
portador(a) do RG nº 30.115.026-4, declaro que fui devidamente informado(a) sobre os objetivos e procedimentos do projeto "Quando a arte se parece com a gente".

Compreendi a natureza da minha participação e concordo voluntariamente em ceder os direitos de uso da minha imagem para as finalidades descritas acima, de forma gratuita e por tempo indeterminado.

Declaro ainda que recebi uma via deste documento.

João Pessoa, 30 de agosto de 2025.

Ruth Maria Santos de Oliveira
Ruth Maria Santos de Oliveira
(Pesquisadora Responsável)

Miranda Andreia Pinto
Assinatura do(a) Participante

CONTATO DA PESQUISADORA

Nome: Ruth Maria Santos de Oliveira

Telefone: 83 9 9326-3938

E-mail: ruriaoli@gmail.com

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Livia Maria Santos de Oliveira
portador(a) do RG nº 4.968.599, declaro que fui devidamente informado(a) sobre os objetivos e procedimentos do projeto "Quando a arte se parece com a gente".

Compreendi a natureza da minha participação e concordo voluntariamente em ceder os direitos de uso da minha imagem para as finalidades descritas acima, de forma gratuita e por tempo indeterminado.

Declaro ainda que recebi uma via deste documento.

João Pessoa, 13 de setembro de 2025.

Ruth Maria Santos de Oliveira
Ruth Maria Santos de Oliveira
(Pesquisadora Responsável)

Livia Maria Santos de Oliveira
Assinatura do(a) Participante

CONTATO DA PESQUISADORA

Nome: Ruth Maria Santos de Oliveira

Telefone: 83 9 9326-3938

E-mail: ruriaoli@gmail.com

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Valter Frazão da Silva
portador(a) do RG nº 12.8053, declaro que fui devidamente informado(a) sobre os objetivos e procedimentos do projeto "Quando a arte se parece com a gente".

Compreendi a natureza da minha participação e concordo voluntariamente em ceder os direitos de uso da minha imagem para as finalidades descritas acima, de forma gratuita e por tempo indeterminado.

Declaro ainda que recebi uma via deste documento.

João Pessoa, 24 de agosto de 2025.

Ruth Maria Santos de Oliveira
Ruth Maria Santos de Oliveira
(Pesquisadora Responsável)

Valter Frazão da Silva
Assinatura do(a) Participante

CONTATO DA PESQUISADORA

Nome: Ruth Maria Santos de Oliveira

Telefone: 83 9 9326-3938

E-mail: ruriaoli@gmail.com

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, Janaína de Oliveira Frazão
portador(a) do RG nº 1930894, declaro que fui devidamente informado(a) sobre os objetivos e procedimentos do projeto "Quando a arte se parece com a gente".

Compreendi a natureza da minha participação e concordo voluntariamente em ceder os direitos de uso da minha imagem para as finalidades descritas acima, de forma gratuita e por tempo indeterminado.

Declaro ainda que recebi uma via deste documento.

João Pessoa, 24 de agosto de 2025.

Ruth Maria Santos de Oliveira
Ruth Maria Santos de Oliveira
(Pesquisadora Responsável)

Janaína de Oliveira Frazão
Assinatura do(a) Participante

CONTATO DA PESQUISADORA

Nome: Ruth Maria Santos de Oliveira

Telefone: 83 9 9326-3938

E-mail: ruriaoli@gmail.com

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO Eu, <u>RUTH MARIA SANTOS DE OLIVEIRA</u>, portador(a) do RG nº <u>515.218.064-20</u>, declaro que fui devidamente informado(a) sobre os objetivos e procedimentos do projeto "Quando a arte se parece com a gente". Compreendi a natureza da minha participação e concordo voluntariamente em ceder os direitos de uso da minha imagem para as finalidades descritas acima, de forma gratuita e por tempo indeterminado. Declaro ainda que recebi uma via deste documento. João Pessoa, <u>30</u> de <u>agosto</u> de 2025. <u>Ruth Maria Santos de Oliveira</u> Ruth Maria Santos de Oliveira (Pesquisadora Responsável) <u>Ruth Santos de Oliveira</u> Assinatura do(a) Participante CONTATO DA PESQUISADORA Nome: Ruth Maria Santos de Oliveira Telefone: 83 9 9326-3938 E-mail: ruriaol@gmail.com	DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO Eu, <u>LUISOMAR LIMA DE SAUZA</u>, portador(a) do RG nº <u>4.212.951</u>, declaro que fui devidamente informado(a) sobre os objetivos e procedimentos do projeto "Quando a arte se parece com a gente". Compreendi a natureza da minha participação e concordo voluntariamente em ceder os direitos de uso da minha imagem para as finalidades descritas acima, de forma gratuita e por tempo indeterminado. Declaro ainda que recebi uma via deste documento. João Pessoa, <u>30</u> de <u>agosto</u> de 2025. <u>Ruth Maria Santos de Oliveira</u> Ruth Maria Santos de Oliveira (Pesquisadora Responsável) <u>Luisomara Lima de Souza</u> Assinatura do(a) Participante CONTATO DA PESQUISADORA Nome: Ruth Maria Santos de Oliveira Telefone: 83 9 9326-3938 E-mail: ruriaol@gmail.com
--	--

Fonte: A autora (2025).

APÊNDICE C - DOCUMENTAÇÃO DE FONTES EM CAMPO

A imagem a seguir apresenta o registro fotográfico da placa informativa e do QR Code de acesso ao áudio explicativo da obra "Memorial Ao Retirante", de Abelardo da Hora, localizado no Espaço Cultural José Lins do Rego. Esta fonte primária foi utilizada para aprofundar a análise simbólica da releitura "Pietà Nordestina".

Figura 29: Placa informativa e QR Code da obra "Memorial Ao Retirante".



Fonte: A autora (2025).